



cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR PADRE
JOAQUIM MARIO
AREAL ANDRADE

EDITORIAL

SANTOS

Todos somos chamados a ser santos, isto é, a ser diferentes, a ser separados dos outros porque temos outros objectivos e fins em vista.

É para Deus que apontamos desde o nosso baptismo, que é o momento marcante e transformador da nossa vida. De facto, o baptismo, proveniente de uma opção assumida de vida, leva-nos para outra dimensão e marca-nos para um destino em que Deus, aquele que Jesus Cristo nos veio mostrar de uma forma mais clara, ocupa o lugar central, o cume, o ápice da nossa existência.

E como Deus é Santo, todos nós apontamos a ser santos como Ele é Santo. Ou por outras palavras, como Deus é diferente de tudo e de todos, nós, baptizados, somos convidados a ser também diferentes dos outros, a abdicarmos de viver apenas presos a este mundo (que é bom e belo porque foi Deus que o criou), mas apontarmos a realidades ainda melhores, já que ultrapassando e libertando-nos do mundano da existência, gozamos da felicidade celeste.

Foi isto que experienciaram muitos homens e mulheres

que hoje consideramos como santos. Foi a sua vida de liberdade para com este mundo que os tornou diferentes. E foi ouvindo o chamamento que Deus lhes fez (como a todos faz), que os levou a ser separados dos outros humanos dedicando toda a sua vida a este projecto de santidade.

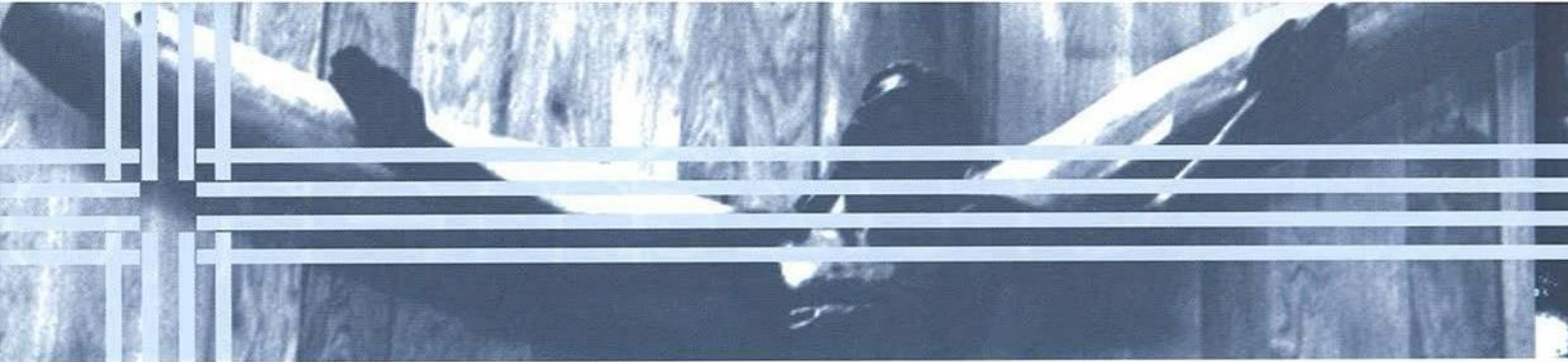
Aos olhos mundanos parece que muito se perde nesta opção, mas de facto não é de rejeições que se fala, mas de eleição de algo melhor. Nunca conseguimos ter tudo na vida, seja a que nível for, e por isso a nossa existência é sempre feita de opções que são eleições que vamos fazendo. É claro que aos olhos

de muitas pessoas surge sempre a opinião negativa de em cada escolha estar a dizer 'não' a muitas outras, mas, para os santos é o inverso. É como alguém que esteve na escuridão e viu a luz que ilumina a beleza de tudo que antes não poderia observar.

O baptismo, quando verdadeiramente recebido e vivido, traz-nos essa luz que nos dá a verdadeira imagem nossa e de tudo o que nos rodeia, e onde vemos em cada canto e esquina Deus e o seu amor. E como não poderemos querer separar-nos de tudo mais e ser santos como Deus?

O Pároco





FALANDO DE NÓS

DA VIDA PAROQUIAL

Após o tempo de estio, em que os serviços paroquiais são diminuídos, a fim de haver algum tempo para descanso os que colaboram na paróquia, retomamos o ritmo normal no início de mais um ano pastoral.

O ponto de partida foi, como de costume, a Festa do Padroeiro, o Senhor Jesus do Padrão da Légua, que honramos com a eucaristia festiva que, infelizmente, mais uma vez não foi precedida de procissão devido às condições climáticas. O essencial, porém, e que é a nossa união à Cruz de Cristo que revela a nossa identidade como cristãos e filhos de Deus, foi celebrado com fé.

Em breve irá iniciar-se o Ano

da Misericórdia, ano jubilar que o Papa Francisco proclamou para toda a Igreja, e que nos levará a olhar para o Deus misericordioso que Jesus nos apresenta, convidando-nos a ser também misericordiosos uns com os outros. Será um tempo favorável, como são todos os anos jubilares, e em que seremos convidados a acolher a misericórdia num relacionamento próximo e verdadeiro com Deus, onde a reconciliação (o sacramento da misericórdia por excelência) será sempre o ponto alto dessa vivência.

E por este anúncio da misericórdia ser-nos proposto por Jesus no evangelho, este continuará a ser o centro do lema diocesano do novo ano pasto-

ral. À "Alegria do Evangelho é a nossa Missão" irá juntar-se "Felizes os misericordiosos", abarcando, deste modo, o anúncio que todos somos chamados a fazer: ao 'descobrir-mos' a grande misericórdia que o Evangelho nos relata, não poderemos ficar quietos, mas teremos de ir em missão levar aos outros esta boa nova, para que eles também a conheçam e se alegrem.

Entretanto, e porque o pároco vizinho de S. Mamede de Infesta está incapacitado por doença, entendeu o Sr. Bispo do Porto nomear o pároco do Padrão da Légua como Administrador Paroquial de S. Mamede de Infesta, e, simultaneamente, nomear o Sr. Pe. Prabesh Jacob como Vigário Paroquial das duas paróquias. Desta forma, algumas adaptações tiveram de ser feitas, e outras poderão vir a ter lugar, na vida e na pastoral desta paróquia, sendo a mais sensível a alteração dos horários de atendimento do pároco, que passaram a ser às terças e quintas-feiras, das 18:00 às 18:45 horas.

Com as bênçãos de Deus e a compreensão e colaboração de todos, viveremos este novo ano pastoral na alegria de a

REGISTOS PAROQUIAIS

Baptizados

Francisco Silva Oliveira
Gabriel Couto Ribeiro
Mafalda Alexandra F P P Ribeiro
Maria Cardoso Silva
Ricardo Cerveira Guimarães
Rodrigo Lima Jacinto Amorim
Tiago Matos Monteiro Duarte
Tiago Miguel Oliveira Pinto
Vicente de Barros Cântara

Casamentos

Filipe João Pires Oliveira
e Raquel Maria Moreira Ribeiro
Pedro Filipe Oliveira Sampaio Sousa
e Alexandra Salomé de Sousa Davim

Bodas de Ouro

Antero Martinho Ribeiro
e Maria de Fátima Ribeiro
Horácio César da Silva Dias
e Deolinda Rodrigues Amorim
Reinaldo Pereira da Silveira
e Maria de Fátima Mendes Silveira

Óbitos

Álvaro António Domingues
António Francisco de Almeida
António Manuel da Luz Dionísio
António Teixeira
Bernardino da Silva Amorim
Branca Pereira do Nascimento
Carlos da Silva Ribeiro
Deolinda das Dores de Castro Oliveira
Fernando Jorge da Silva Santos
Francisco Miguel de Melo Guimarães
Joaquim Duarte da Silva Paranhos
José António da Silva Carvalho
José Eduardo Fernandes Martins
Manuel dos Santos Vilar
Maria Alice Alves Ferreira
Maria de Fátima Paiva Pereira Coelho
Maria de Jesus Rodrigues Guedes
Maria de Jesus da Silva Calista
Maria Luzia da Costa Belchior
Rosa Oliveira da Silva
Sandra Cristina Silva Vieira

todos anunciarmos a misericórdia.





PELA IGREJA

TESTEMUNHOS VIVOS DE MÁRTIRES DE HOJE

Torturados, humilhados, agredidos: mesmo assim, os cristãos de Aleppo, na Síria, e de Erbil, no Iraque, oferecem o seu sofrimento pela salvação dos seus perseguidores. Corajosos, heróicos, mártires do nosso tempo: o seu testemunho é admirável e comovente; a sua história indelével é de fé cristã capaz de resistir e sobreviver na perseguição. E eles protagonizam, há tempos, num Encontro em Rímini, um dia de grande intensidade emocional e de autenticidade da fé.

O Pe. Douglas Al Bazi, pároco de Mar Eillia, em Erbil, no Iraque, e o Pe. Ibrahim Alsabagh, franciscano que é pároco em Aleppo, na Síria, contaram as suas histórias e a das pessoas que sofrem uma perseguição ainda mais sangrenta que a dos primeiros séculos do cristianismo.

Ao apresentar o encontro, o Pe. Stefano Alberto, professor de teologia na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão, declarou: “Mesmo na terra em que Deus chamou Abraão e despertou a consciência do homem ao tratá-lo face a face, a violência cega do fanatismo se escancarou”.

Depois de lembrar que havia no Iraque cerca de dois milhões de

cristãos até 2003 e que hoje há pouco mais de duzentos mil, o Pe. Douglas Al Bazi explicou: “Eu nasci neste país e tenho amigos muçulmanos. Nós, cristãos, somos o sal deste país. Somos, além disso, a faixa mais bem educada da população”.

O sacerdote foi sequestrado e torturado durante nove dias. É um milagre a sua coragem de ficar no país. “Eles quebraram-me nariz, bateram-me com um martelo na boca, nos ombros e na coluna vertebral. Durante quatro dias fui deixado sem água. Aumentavam o volume da televisão para abafar os meus gritos e espancavam-me todas as noites. Depois acorrentavam-me com um cadeado”.

Para sobreviver e não perder a fé nem a razão, o Pe. Douglas usava os elos das correntes como rosário e o cadeado como o marco para o pai-nosso. “Houve também momentos de calma, em que as mesmas pessoas que me batiam à noite perguntavam-me como se comportar com a sua esposa. Eu dizia-lhes para eles serem bons para elas”.

Interrompendo a narrativa, o Pe. Douglas disse: “Eu pareço amedrontado? A mesma coisa

pode ser dita do meu povo. Jesus disse-nos para carregarmos a cruz, mas o importante não é isso, e sim segui-lo, desafiá-lo, comprometer-se. Se eles nos destruírem no Oriente Médio, a última palavra vai ser ‘Jesus salvou-nos’”.

Sóbrio e intenso, o Pe. Douglas admitiu que, mais cedo ou mais tarde, irão matá-lo. E pediu: “Rezem pelo meu povo, ajudem e salvem o meu povo. Eu não estou preocupado comigo, mas com o meu povo”.

O Pe. Ibrahim falou das condições terríveis em que se sobrevive em Aleppo: “Vivemos na instabilidade, falta comida, a água é pouca, somos bombardeados e doenças estão a espalhar-se. As pessoas pedem-nos água do poço do convento. Tentamos captar em tudo isto os sinais do Espírito, partilhando essas necessidades e milhares de outros problemas com todos, cristãos e muçulmanos”.

Para compreender o espírito com que os cristãos continuam a fazer o bem numa atmosfera de inferno, o Pe. Ibrahim relatou o comentário de um muçulmano que foi buscar água: “Quando eu vejo as pessoas a vir buscar água sem brigas, sem gritos, eu fico maravilhado. Nos outros lugares agriem-se e gritam. Vocês são diferentes”.

É claro que muitos cristãos

sonham em fugir. “Mas muitos estão convencidos de que o nosso Senhor, já nos dias de São Paulo, plantou a árvore da vida no Oriente Médio. Não queremos tirar de lá essa árvore”.

A uma mulher preocupada com os tantos cristãos que tiveram de fugir, o Pe. Ibrahim respondeu: “Será que não é Nosso Senhor quem quer mudar as pessoas ao nosso redor, para que o aroma de Cristo chegue até elas? É uma missão que o Senhor nos confiou”.

O Pe. Ibrahim declarou sobre os franciscanos de Aleppo: “Nós amamos mais e perdoamos mais, mas não vamos embora”. E, apesar das condições tristes e da violência brutal do conflito, ele tem palavras de compaixão e perdão. “Não podemos só convidar os outros a resistir. A ação tem que ser positiva: Jesus ensina-nos no Evangelho a perdoar quem crucifica, mesmo quando eles não pedem perdão”.

Às lágrimas, ele concluiu: “Não sabemos quando vai acabar. O importante é dar testemunho de Cristo. Testemunhar a vida cristã amando, perdando e pensando na salvação também daqueles que nos fazem o mal. Ofereçamos o nosso sofrimento pela salvação deles. Oremos por eles”.

in Zenit



CANTINHO DOS ACÓLITOS

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA LITÚRGICA NA EUCARISTIA

A música é importante pois liga, mais facilmente, as pessoas a Deus. Como Santo Agostinho dizia: "Cantar é próprio de quem ama", e a música na eucaristia traduz

da assembleia nas celebrações que se realizam dominicalmente ou em festas de preceito.

Na escolha das partes que efetivamente se cantam, dá-se preferência às mais importantes, sobretudo às que devem ser cantadas pelo sacerdote, pelo diácono ou pelo leitor, com resposta do povo, bem como às que pertencem ao sa-

cerdote e ao povo proferir conjuntamente.

Em igualdade de situações, deve-se dar a primazia ao canto gregoriano, como canto próprio da Liturgia romana. De modo nenhum se devem excluir outros géneros de música sacra, principalmente os polifónicos, desde que correspondam ao espírito da ação litúrgica e favoreçam a participação de todos os fiéis.

Dado que hoje é cada vez mais frequente o encontro de fiéis de diferentes nacionalidades, convém que eles saibam cantar em latim pelo menos algumas partes do Ordinário da Missa, sobretudo o símbolo da fé e a oração dominical, nas suas melodias mais fáceis, para uma maior integração na eucaristia.

Para além do antes referido, a música na liturgia é uma

forma de interiorização, introspeção e reflexão sobre a Fé, penso que é algo que ajuda os fiéis a perceber o que para eles significa o ser cristão.

Em suma, a música litúrgica é importante em diferentes aspetos na eucaristia, mas talvez seja o mais importante a união que cria entre a assembleia, fazendo passar o crente de ser individual a um membro de uma comunidade cristã.

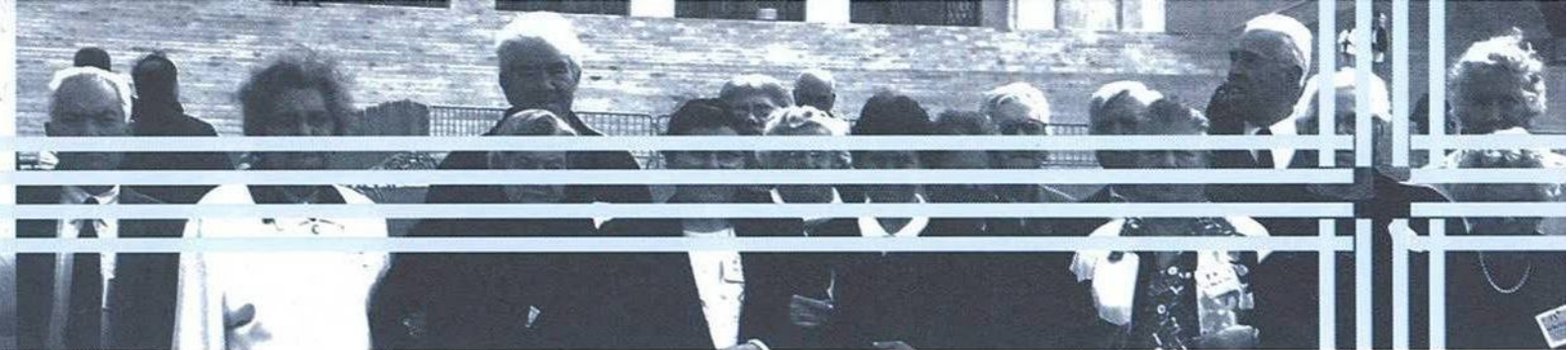
Ana Fernandes



isso mesmo, sendo esta uma exortação Àquele que nos ama acima de todas as coisas.

Deve-se ter em consideração o canto na celebração da Missa, de acordo com o carácter da própria assembleia litúrgica. Embora, não seja estritamente necessário cantar, por exemplo, nas missas feriais, todos os textos que se destinam a ser cantados, mas, no entanto deve-se procurar que não falte o canto dos ministros e





IDADE DA SABEDORIA

A IDADE DO (DES)APEGO

O aumento da longevidade nas sociedades atuais vem colocar novos desafios em diversos domínios, dos quais se destaca a necessidade de cuidar dos idosos. Esta nova realidade implica a necessidade de se repensar o envelhecimento como um fenómeno social, com implicações a nível individual e coletivo.

Envelhecer é um fenómeno lento e gradual, variável de indivíduo para indivíduo, em que este pode exercer uma autorregulação através de decisões e de escolhas de adaptação ao processo de envelhecimento, no entanto, o organismo biológico sofre transformações decorrentes do próprio processo que resultam num aumento da vulnerabilidade. A participação social diz respeito aos grupos sociais que envolvem o idoso. Assim, a família, os amigos, o exercício da cidadania e a participação ativa em diversos contextos da vida social constituem as palavras-chave para um envelhecimento bem-sucedido.

O envelhecimento saudável pode ser visto como a capacidade de continuar a funcionar física, mental, social e economicamente, a par do processo gradual do avançar da idade. Com o envelhecimento, as funções sociais dos idosos, por vezes, tornam-se reduzidas, quer pelas próprias limi-

tações físicas, quer especialmente por pressões da própria sociedade. A progressiva perda de poder de argumentação, o esvaziamento de papéis sociais, a gradativa perda de autonomia e as alterações ao nível da comunicação, aceleram o processo de envelhecimento, levando os idosos à diminuição dos contactos sociais e consequentemente aceleram o processo de envelhecimento. Uma das estratégias para promover o envelhecimento bem-sucedido passa, de entre outras, pelo desenvolvimento de atividades relacionadas com a proximidade com a família, de modo a preservar os laços afetivos e as competências gerais do idoso. A história de vida da família do idoso constitui um fator relevante na sua relação futura.

Cada cultura tem a sua visão sobre a velhice, sendo que o idoso vai ser bem ou maltratado de acordo com as características da civilização em que vive. Em algumas civilizações os idosos são respeitados e venerados, e noutras são muitas vezes negligenciados e abandonados. O abuso ao idoso no seio da família é real e acontece nas formas mais elementares: desde o banho que não foi dado ou a fralda que não foi trocada, a medicação que não foi administrada, o filho que se apodera da reforma do pai, a

divisão dos bens antes da morte, a mãe que é alojada no anexo da casa, a agressão física e o insulto, etc. Os maus-tratos a idosos constituem uma problemática complexa e multifacetada que se manifesta de forma dramática, apresentando repercussões nefastas ao nível da sua segurança, bem-estar e saúde. Este processo implica a necessidade de se repensar esta realidade como um fenómeno com implicações a nível individual e coletivo.

Os maus-tratos mais comuns, segundo Dias (2004), são: abuso físico, abuso psicológico, negligência, abandono, abuso financeiro e abuso sexual.

São vários os apelos e campanhas públicas que alertam para este fenómeno. Matosinhos, por exemplo, integrou a elaboração de uma Manta – A Manta dos Afetos, com o tema “Tricota esta ideia”, onde várias instituições espalhadas pelo país participaram na sua confeção. Cada quadrado da manta tem um pedacinho de cada idoso, uma característica de cada instituição, o simbolismo de um grito, “Eu só quero carinho e afeto”, e o nosso Lar não pôde ficar alheio a esta ideia. Os nossos idosos trabalharam arduamente, durante o ano, para a realização da manta e, com um belo sorriso, entregaram-na em Oeiras, num dia especial para eles e para todos os idosos – O Dia do Idoso no passado dia 1 de outubro.

Por cá, os nossos idosos tiveram a visita das nossas crianças do Infantário Encanto, e à tarde não pode faltar o Baile do Idoso, no Centro Social e Cultural de Custóias.

O papel da nossa Instituição é a promoção do bem-estar dos idosos, físico e psicológico, e são várias as atividades que se realizam. Em setembro participamos, mais uma vez, no Passeio do Idoso, organizado pela União das Freguesias Leça do Balio, Custóias e Guifões. Realizamos um pic-nic, em Cortegaça, onde fomos passear até à beira-mar, que fez as delícias dos nossos idosos.

Em outubro, tivemos a presença da polícia, o Sr. agente Bispo, com o tema “Burlas”, que nos falou de possíveis atos de pessoas para nos enganar e levar a cabo a sua intenção de nos burlar, e os cuidados que devemos ter. E não podíamos deixar de comemorar o Dia da Alimentação. Assistimos a um teatro, no infantário, sobre a importância de uma alimentação saudável, e a importância de comermos fruta. Foi um momento divertido e de experiência intergeracional.

E por aqui ficamos com as notícias do nosso Lar. Voltamos em breve com mais novidades....

Susana Pereira

SÍNODO PROPÕE CAMINHO DE DISCERNIMENTO

Nota: Este artigo da agência de notícias Ecclesia foi redigido durante o penúltimo dia do Sínodo, e, por isso, apresenta-nos apenas as orientações do relatório final e não o próprio relatório.

Os participantes no Sínodo dos Bispos sobre a família, que decorreu neste mês de Outubro em Roma, propõem no relatório final dos trabalhos, e que vão apresentar ao Papa Francisco, um “caminho de discernimento” para os católicos divorciados que voltaram a casar civilmente.

O texto a ser entregue ao

Papa refere que é missão dos padres “acompanhar as pessoas no caminho do discernimento segundo o ensino da Igreja e as orientações do bispo”.

Na conclusão de três semanas de trabalho sobre a família, 178 dos 265 participantes que votaram esta tarde (mais um voto do que os necessários para a maioria de dois terços), aprovaram o número 85, em que se apela a um “exame de consciência” das pessoas em causa sobre a forma como trataram os seus filhos ou como viveram a “crise conjugal”.

O documento questiona ainda se houve “tentativas de reconciliação”, qual a situação do “cônjuge abandonado” e quais as consequências da nova relação “sobre o resto da família e a comunidade dos fiéis”.

“Uma reflexão sincera pode reforçar a misericórdia de Deus, que não é negada a ninguém”.

Este relatório não aborda diretamente a possibilidade de acesso aos sacramentos dos divorciados recasados, que é negada pela Igreja Católica.

Os participantes apresentam critérios de reflexão, recordando que há “condicionamentos” que podem anular ou diminuir a responsabilidade de uma ação, pelo que o juízo sobre uma situação objetiva “não deve levar a um juízo sobre a imputabilidade subjetiva”.

“Por isso, mesmo apoiando uma norma geral, é necessário reconhecer que a respon-

sabilidade em relação a determinadas ações ou decisões não é a mesma em todos os casos”, pode ler-se.

O relatório final aponta a um “discernimento pastoral” que tem de acompanhar cada situação, pelo que “as consequências dos atos realizados não são necessariamente as mesmas em todos os casos”.

O texto cita o ensino de São João Paulo II na *‘Familiaris Consortio’*: “Saibam os pastores que, por amor à verdade, estão obrigados a discernir bem as situações. Há, na realidade, diferença entre aqueles que sinceramente se esforçaram por salvar o primeiro matrimónio e foram injustamente abandonados e aqueles que por sua grave culpa destruíram um matrimónio canonicamente válido”.

“Há ainda aqueles que contraíram uma segunda união em vista da educação dos filhos, e, às vezes, estão subjetivamente certos em consciência de que o precedente matrimónio irreparavelmente destruído nunca tinha sido





válido”, acrescentava o Papa polaco na sua exortação apostólica sobre a família.

No número 84 do relatório final, aprovado com 187 votos (o segundo menor número de aprovações), os participantes neste Sínodo de 2015 afirmam que os divorciados recasados têm

de estar “mais integrados nas comunidades cristãs”.

“A sua participação pode exprimir-se em diversos serviços eclesiais”, aponta o texto.

Já o número 86 (190 votos a favor) refere-se a um “percurso de acompanhamento e

discernimento” junto de um sacerdote, no chamado “foro interno” (privado), sobre aquilo que coloca “obstáculos a uma mais plena participação na vida da Igreja e sobre os passos que a podem favorecer”.

“Para que isto aconteça, têm de ser garantidas as necessá-

rias condições de humildade, reserva, amor à Igreja e ao seu ensino”, prossegue.

O relatório conclui-se com um pedido ao Papa para que avalie a oportunidade de um “documento sobre a família”.

in Ecclesia





É ASSIM NO ENCANTO...

ERA UM JARDIM DE VALORES...

Um dia, o meu avô perguntou-me quais eram as coisas mais belas do mundo, e eu não soube o que dizer. Pensei que podia ser o pôr do sol ou o mar (...). Ele sorriu e perguntou-me outra vez se não havia de ser a amizade, o amor, a honestidade e a generosidade, o ser-se fiel, educado, o ter-se respeito por cada pessoa e cada coisa. Perguntou-me se o mais belo do mundo não seria fazer-se o que se sabe e pode para que a vida de todos seja melhor. (...)

(Valter Hugo Mãe, in "As mais belas coisas do mundo")

Era uma vez um início de mais um ano letivo e, com ele, um novo projeto curricular de centro: "Era uma vez um jardim de valores" que se prolongará pelos próximos três anos e que abordará alguns valores morais que se revelam fundamentais no desenvolvimento global e harmonioso das nossas crianças. Através da narração de histórias, de dramatizações, de intercâmbio com os nossos amiguinhos do "Lar Mãe de Jesus"..., vamos incutir nos nossos meninos valores como a amizade, o respeito, a honestidade, a generosidade, a solidariedade...



"Era uma vez um jardim de valores..."... Era uma vez uma fada..., era uma vez uma bruxa má... ou boa..., era uma vez... era uma vez uma casa..., era uma vez uma família... E é com estas três palavras quase mágicas que qualquer criança se delicia e se reclina, nos joelhos de quem

lhe conta uma história. Não há livro nem programa de televisão que vença a palavra humana, o calor humano, a presença física que se faz amada, a companhia, sim a companhia, algo muito precioso numa época marcada pela solidão. Se repararmos, mesmo um bom livro ou uma boa história na televisão deixam a criança só, reduzida ao silêncio de quem não pode esperar respostas, entregue aos seus medos que uns minutos de presença humana podem afastar. E nada se aproxima mais da perfeição senão uma boa história no aconchego da mãe, do pai ou dos avós



para tornar o coração dos meninos mais "quentinho".

Vamos contar histórias às nossas crianças, deixar que se encostem aos nossos joelhos, que segurem o nosso braço e sintam que estamos ali, com elas, e com elas falamos.

Para que o nosso projeto se concretize a colaboração da família é preponderante e insubstituível, porque como alguém disse "A minha escola é a minha segunda casa, mas a minha casa é a minha primeira escola".

Fernanda Ferreira

DO ATL... COM "ENCANTO"

OUTUBRO, OUTONO, OUTRO ANO LETIVO

Olá a todos!

Após umas férias que esperamos terem sido retemperadoras cá nos encontramos para desejar a todos um ótimo ano letivo.

A falar disso mesmo dedicamos-vos umas palavrinhas, desta vez em verso...

*O tempo de férias já passou,
De brincar, correr,
jogar à bola...*

*O mês de Setembro chegou
É altura de ir para a escola.*

*Há crianças
que ficam contentes
Pois vão matar saudades
De colegas, professores
De brincadeiras e amizades...*

*Mas há outros
que ficam tristes,
E com o coração a apertar...
Por deixarem o pai, a mãe,
E não saberem
o que vão encontrar!*

*Há outras
que ficam nervosas
Cheias de preocupação...
Mas não vale a pena isso,
Ora leiam com atenção:*



*O ATL é um lugar mágico,
Cheio de luz colorido,
Onde a amizade reina
E tudo pode ser divertido!*

*Cada dia é diferente
E cada um seu valor tem...
Mas todos são importantes,
Pois nos levam mais além!*

*Vais gostar de cá andar,
seres também
parte de "nós"...*

*Estar junto é divertido,
Bem melhor do que
estarmos sós!!*

Muito sucesso a todos é o desejo de toda a equipa do CATL.

Até breve.

Cristina Barbosa



SÍNODO REALÇA A PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO

Durante os trabalhos do Sínodo, o cardeal Wilfrid Napier, arcebispo de Durban (África do Sul), apontou a preparação para o Matrimônio como uma das "chaves" das propostas que a assembleia vai fazer ao Papa. Estas propostas dos participantes visam promover "um processo durante o qual um jovem tem a oportunidade de identificar a sua vocação". A esta preocupação, soma-se a do acompanhamento "pós-matrimonial", em particular nos primeiros anos de casamento, contando com a ajuda de católicos que possam "adotar um jovem casal" e ajudá-los a superar as dificuldades.

O cardeal sul-africano elogiou a "fidelidade à doutrina" que

guiou os trabalhos e falou num sentimento de "otimismo", estimulado também pela liderança do Papa.

Segundo D. Wilfrid Napier, Francisco atendeu às preocupações que foram manifestadas desde a reunião extraordinária do último ano, incluindo na carta dos 13 cardeais, no início desta assembleia geral ordinária. E referiu que os trabalhos estavam a ser "levados numa certa direção" em 2014, o que desapareceu este ano, dado que foi possível "trabalhar juntos nos vários temas, como uma equipa".

A reflexão em curso, acrescentou, faz "parte do processo que começou no Conclave de 2013, quando os cardeais

sublinhavam a necessidade de reforma da Igreja", que exige os "bons fundamentos" da família.

Foram várias as conferências de imprensa promovidas pela Santa Sé para abordar o andamento dos trabalhos sinodais, e em algumas foram apresentadas várias observações sobre a reforma dos processos de nulidade matrimonial.

O cardeal Lluís Martínez Sistach, arcebispo de Barcelona (Espanha) e perito em Direito Canónico, entende que a reforma promovida pelo Papa "harmoniza plenamente a fidelidade à indissolubilidade e a misericórdia da Igreja", porque "agiliza o processo", "soluciona muitos problemas de consciência" e permite que estas pessoas possam "refazer a sua vida".

O chamado processo "breve" passará sempre para o processo ordinário caso não seja possível chegar à verdade "objetiva e imediata".

Qualquer separação tem "muitas consequências nega-

tivas", sublinhou o cardeal Lluís Martínez Sistach, para quem este Sínodo colocou em relevo aspetos "muito importantes", como a finalidade do Matrimônio, a fim de "evitar separações".

A este respeito, também o arcebispo de Barcelona insistiu na preparação "remota" para o casamento, desde a adolescência, bem como a preparação "próxima e imediata", que muitas vezes se confronta com a falta de "formação religiosa" e o afastamento da Igreja, por parte dos noivos.

O cardeal Alberto Suárez Inda, arcebispo de Morelia (México), assumiu por sua vez que os bispos têm uma "maior responsabilidade" por assumirem um papel de "juizes misericordiosos".

"Que este Sínodo dê um grande ênfase às Igrejas locais, para que estas assegurem que há cada vez mais casamentos muito bons", com ensinamentos sobre o Sacramento, é o que a Igreja espera do Matrimônio, pediu o cardeal Wilfrid Napier.

in Ecclesia



SOLEINIDADE DE TODOS OS SANTOS

Todos os anos no dia 1 de Novembro, a Igreja Católica celebra a festa de Todos os Santos, os conhecidos e os não conhecidos (*Festum Omnium Sanctorum*). Esta festa teve a sua origem no século segundo quando os cristãos começaram a honrar os mártires que arriscaram a vida para testemunharem a fé em Jesus Cristo. Tal era o seu testemunho de vida que, desde muito cedo, tornou-se costume os cristãos perseguidos rezarem para que esses mártires intercedessem junto de Deus em seu favor. Os 365 dias do ano não chegavam para atribuir um dia a cada mártir, devido ao número gigante dos mesmos.

A Igreja acabou por estabelecer um processo de canonização para reconhecer oficialmente a prática de virtudes heróicas manifestadas por cristãos não mártires, na vivência do Evangelho, e que se começaram a juntar aos mártires.

Embora haja registos de que a primeira celebração tenha acontecido em Antioquia num domingo a seguir ao dia de Pentecostes, oficialmente a festa começou no tempo do Papa Bonifácio IV que, em 13 de maio 609/610, dedicou o Panteão a Maria e a todos os santos mártires. A data foi mudada para o dia um de Novembro quando o

Papa Gregório III, no século oitavo, dedicou uma capela em Roma a Todos os Santos. Mas, seria o Papa Gregório IV que em 835 declarou esta festa como universal, ou seja, obrigatoriamente vivida em todas as igrejas do mundo nesta data.

Hoje em dia, nesta grande solenidade, celebramos gozosamente todos os cristãos, muitos deles que viveram connosco, na nossa casa, ao

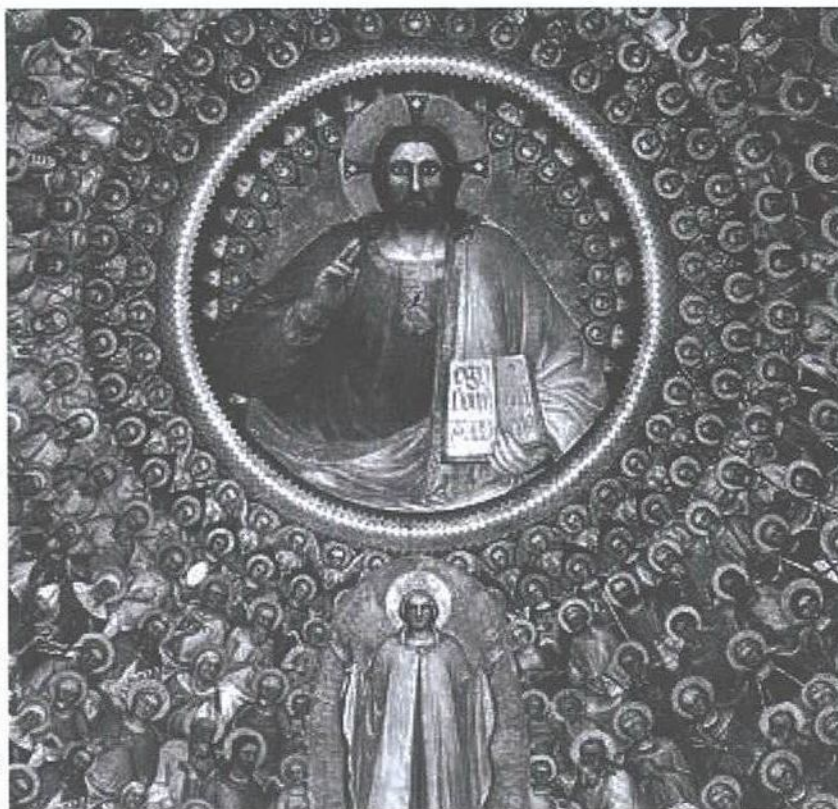
nosso lado, que nos deixaram grandes testemunhos de vida e que, por isso, se encontram com Cristo na glória de Deus, tenham ou não sido proclamados oficialmente santos pela Igreja Católica.

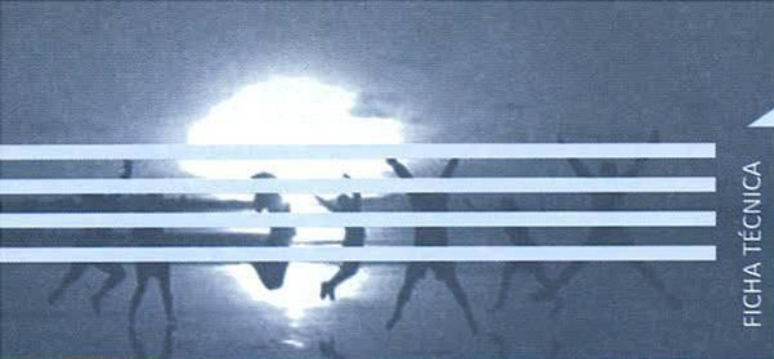
O objectivo desta celebração é reconhecer, sublinhar e interiorizar o chamamento que Jesus Cristo faz a cada um de nós para O seguirmos e sermos santos, tal como Ele é santo. O caminho para lá chegarmos é a caridade, é o amor.

Não esqueçamos que em todas as eucaristias, a liturgia convida-nos a experimentar, a sentir e a viver a comunhão com todos os santos, por isso os invocamos para juntos nos irmos aproximando cada vez mais de Cristo, o Santo dos santos.

Neste sentir, experimentaremos o conforto de todos os Santos e a certeza de que com eles, um dia, receberemos a coroa da vitória!

Pe. Prabesh Jacob





CRUZAMENTO BOLETIM INFORMATIVO
DA PARÓQUIA DO PADRÃO DA LÉGUA

PROPRIEDADE E EDITOR
PARÓQUIA DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR E CHEFE DE REDACÇÃO
PADRE JOAQUIM MÁRIO ANDRADE

DESIGN
RUI FERREIRA

PAGINAÇÃO
PARÓQUIA DO PADRÃO DA LÉGUA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Trav. Elaine Sanceau, 80
4465-620 Leça do Balio
T. 229 578 663
E. p.padrao.legua@mail.telepac.pt

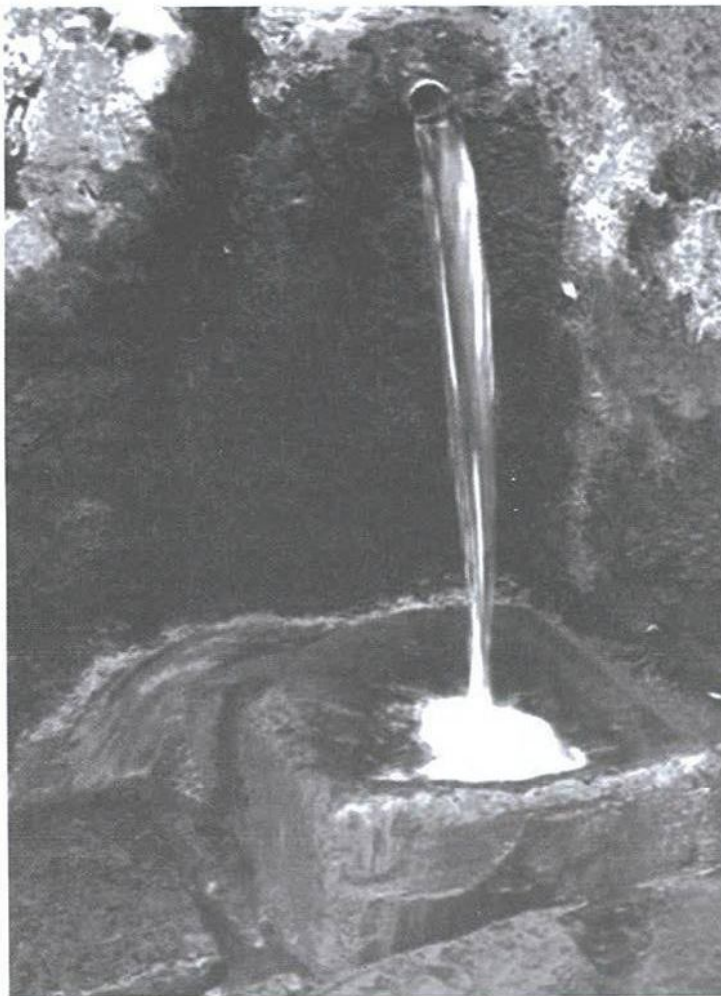
Nº CONTRIBUINTE 501 538 640

IMPRESSÃO
COUTINHOS Artes Gráficas, Lda.
Rua Nova de S. Gens, 293
4460-377 SENHORA DA HORA
T. 229 511 358
E. coutinhosag@gmail.com

TIRAGEM 1.200 exemplares

O GRITO DO PROFETA

A NASCENTE DE ÁGUA



Aquela água sentia-se feliz: brotava da nascente, descia a cantar e vinha parar a uma fonte.

Vinham as mulheres, enchiam as bilhas e partiam a cantar. As crianças, ao regressar da escola, matavam a sua sede e até brincavam com ela. Ao fim do dia, eram os trabalhadores a lavar as mãos e o rosto.

Durante algum tempo, a água sentia-se verdadeiramente feliz. Mas, com a monotonia dos dias, começou a ficar desanimada. As pessoas vinham, mas logo se iam embora, deixando-a sozinha. E até julgava que não eram nada agradecidas.

Num dia cinzento, resolveu escrever uma carta a Deus; pedia-lhe para ser outra coisa.

E foi o próprio Deus que, ao cair da tarde, se aproximou dela e lhe disse:

- Minha água pura e cristalina, venho dizer-te que preciso de ti para dar de beber à aldeia, para divertir as crianças, para refrescar as pessoas cansadas do trabalho. E é por teu intermédio que, no baptismo, muitos se tornam meus filhos adoptivos. Necessito de ti!

Deus olhou para a água com ternura e desapareceu.

A água lembrou-se então que era útil: estava a ser um instrumento do amor de Deus que ama com um amor refrescante, que dá vida.

Recuperou, então, a alegria de ser água.